

globe 8.4.61

100/1000 1964

Térça-feira, 1º de Maio de 1956

RUBEM BRAGA

EL GRECO

ANDO tão perrenque de estilo que achei de bom aviso passar uns tempos sem escrever; e foi então que, para tentar minha cura, me internei nesse «Hospital das Letras», em que os médicos são Justo Lipsio, Trajano Bocalino, dom Francisco de Quevedo e dom Francisco Manuel de Melo. Este último se penitencia de ter escrito muito «porque gastando tantas horas em escrever, não gastasse uma só em me arrepender de ter escrito tanto».

Um desses escritos, que eu só conheço de trechos, porque jamais consegui achar em livreria, foi a «Carta de Guia de Casados», obra de tanta prudência que dom Francisco jamais se casou éle próprio. Pois comentando êsse livro, diz Lipsio que «a homens sábios ouvi falar nêle com exquísita variedade».

O autor então explica: «Sucedeu-me, fazei conta, como ao Grego Pintor famoso, que celebraram todos os poetas dêste século: era o seu modo de pintar tão severo e tão escuro, que aos mais desagradava; nunca se lhe gastou painel em pessoa do vulgo; vivia a êste respeito muito pobre, como soberbo da grandeza de seu espírito; finalmente, persuadido da fome e dos amigos, se foi a Sevilha, em tempo de frota, e tantos ricos feitos pintou, até que ficou rico; conhecendo que o estava, tornou-se à solene pintura, a que o chamava seu natural, dizendo: antes quero viver misero, que rudo».

Dom Francisco Manuel escreveu isso quando desterrado na Bahia, em 1657; El Greco chegou à Espanha por volta de 1576 e viveu até 1614. Tendo nascido em Lisboa em 1608 e indo muito rapaz ainda para Madrid, era natural que dom Francisco Manuel crescesse ouvindo falar do gênio do grego. A éle, portanto, é que se refere, o que não deixa de ser uma curiosidade. Pelo menos para que hoje tenhamos idéia do que se dizia de El Greco anos depois de sua morte, com ou sem razão.